

**AS QUESTÕES SÃO REFERENTES AO LIVRO  
"HORA DE ALIMENTAR SERPENTES"**



**TEXTO PARA AS QUESTÕES 01 E 02**

**PRÓLOGO**

**Enfiou a serpente na agulha. E começou a costurar.**

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

**QUESTÃO 01**

Parecido muito mais com uma máxima ou um aforismo, o primeiro texto do livro "Hora de alimentar serpentes" trata-se de uma sentença formada por duas orações.

Nele, as palavras "agulha" e "costurar" reiteram constantes elementos presentes no universo poético de Marina Colasanti e indiciam que a autora:

- a) contrapõe o trabalho de construção da linguagem à feitura de roupas.
- b) questiona a associação entre expressividade linguística e literatura.
- c) relativiza a superioridade técnica do ofício de escrever.
- d) relaciona o fazer literário ao ato de tecer.

**QUESTÃO 02**

O título do texto soa contraditório se a verossimilhança for tomada como uma semelhança do mundo real, em que prólogo é definido como uma espécie de introdução explicativa acerca do conteúdo apresentado no decorrer de uma obra.

Considerando, porém, que a linguagem literária recorre com frequência a construções que expressam diferentes sentidos em um dado contexto, essa contradição se desfaz porque o texto:

- a) cria um valor ilógico para uma palavra dicionarizada.
- b) imprime tom coloquial para contradizer o título.
- c) materializa a concepção de prólogo na contemporaneidade.
- d) corrobora a ideia de que a obra literária é aberta a várias leituras.

**QUESTÃO 03**

**POR UMA NOITE**

**Um quarto de hotel. Na cama grande, de travesseiro generoso, o viajante adormece rapidamente.**

**O quarto, escuro. Ao redor, silêncio. A cabeça pousada sobre tantos sonhos alheios abre-se a um novo trânsito, sorve o que não é seu. E tudo nela é luz, e som, e movimento.**

**Por uma noite o viajante será outros.**

**Ao acordar, antes até de tomar um avião para casa, voltará a ser ele mesmo.**

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

O polissíndeto é um procedimento gramatical e estilístico comum em textos literários. No trecho "E tudo nela é luz, e som, e movimento.", o uso reiterado da conjunção "e" exemplifica a ocorrência de polissíndeto e contribui para:

- a) enfatizar a ideia de acréscimo.
- b) tipificar uma sucessão indeterminada.
- c) reproduzir um vício de linguagem.
- d) tornar a mensagem compreensível.

**QUESTÃO 04**

**O DIA DO**

**Um publicitário inventivo criou o Dia do Nada. As celebrações foram tudo!**

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

Além da ironia, "O dia do" constrói uma oposição de ideias. Considerando que as palavras destacadas estabelecem entre si uma contrariedade, identifica-se no texto a figura de linguagem:

- a) antítese.
- b) metáfora.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.

**QUESTÃO 05**

**POIS**

**- Teu pai, meu filho, era forte como o carvalho no fundo do jardim.**

**- Mas não há nenhum carvalho, nem temos jardim.**

**- Justamente.**

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

O gênero miniconto, devido às implicações naturais da forma, é marcado por sugestões e elipses, dentre outras características. Em "Pois", o diálogo estabelecido evidencia:

- a) a interrupção de uma ação.
- b) a eliminação de uma ideia.
- c) uma informação implícita.
- d) uma situação incoerente.

**QUESTÃO 06**

**UM PERCURSO**

**Nasceu morto, e morto viveu até os 70 anos, quando uma lápide de pedra com datas e palavras elogiosas foi fincada na terra, permitindo a todos esquecer o que sequer havia acontecido.**

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

O texto contém termos opostos que coexistem, formando conceitos ou ideias à margem da lógica vigente. Esse sentido é decorrente do emprego da seguinte figura de linguagem:

- a) pleonasma.
- b) paradoxo.
- c) gradação.
- d) hipérbato.

**QUESTÃO 07**

Em uma entrevista, Marina Colasanti afirmou:

**"Um miniconto (...) funciona quando é uma surpresa (...) É muito difícil como estrutura e como forma. Porque se você tira demais, ele não abre a porta para o leitor. Se você bota demais — e demais pode ser uma palavra — ele fica encharcado e pesa, não voa."**

Dentre os vários gêneros que a autora cultivava, os minicontos - sobretudo os contidos na obra em análise - revelam uma progressiva decantação de linguagem. Evitando excessos, a economia textual, ou seja, a linguagem restrita ao mínimo e a hiperbrevidade do conteúdo, relaciona-se à:

- a) máxima complexidade estrutural da trama.
- b) concisão com intensidade expressiva.
- c) desvalorização de aspectos extratextuais.
- d) especificação de circunstâncias temporais.

**QUESTÃO 08**

**A PISTA FINAL**

Longa, a busca. Anos seguindo sinais, analisando documentos, decifrando indícios, temendo, após cada avanço, deparar-se com o nada. Mas não era erro o que os esperava ao final do percurso.

(...)

Não são vestígios de tinta que ali se encontram. As lágrimas sempre vertidas se infiltraram entre as antigas pedras, vazaram encharcando uma a uma as camadas de reboco, comprometeram a pintura superior. E forneceram aos pesquisadores a pista inegável de que necessitavam.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

O último parágrafo apresenta exclusivamente formas verbais no tempo passado, o que se contrapõe ao uso do gerúndio no início do texto, cujo emprego revela:

- a) aceleração do tempo.
- b) acontecimentos não simultâneos.
- c) aspecto durativo de cada ação.
- d) intensificação da situação hipotética.

**QUESTÃO 09**

**QUARTA HISTÓRIA DE INSÔNIA**

Enfurecidos com o homem que, noite após noite, lhes impede o sono dirigindo-os a saltar cercas, os carneiros invadem a cama e com cascos e dentes o adormecem para sempre.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

“Quarta história de insônia” apresenta uma tendência que permeia a obra como um todo. Pode-se identificar esse traço comum a partir da:

- a) ausência do elemento tempo na narrativa.
- b) continuação de uma história já apresentada.
- c) inversão de papéis conhecidos ou esperados.
- d) alegorias baseadas em experiências pessoais.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES 10 E 11**

**NA MEDIDA**

Tinha só meia sombra. Nenhum espanto. Era apenas meio homem.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

**QUESTÃO 10**

O conto “Na medida” é estruturado a partir de frases curtas, que convidam o leitor a interagir com o texto, suprimindo mentalmente lacunas deixadas, demarcadas pela pontuação. No lugar do primeiro e do segundo pontos, mantendo a relação lógica entre os segmentos frasais, o leitor poderia inserir as seguintes conjunções:

- a) embora; pois.
- b) porque; porém.
- c) no entanto; já que.
- d) mas; por conseguinte.

**QUESTÃO 11**

“Tinha só meia sombra.”

No contexto, a palavra “só” estabelece:

- a) sensação de incompletude do personagem, que se confirma pelo espanto que ele sente.
- b) oposição entre “só” e “apenas”, que acionam valores semânticos distintos.
- c) contraponto de “meia” com “inteira”, que mentalmente o leitor é levado a construir.
- d) contradição entre “meia sombra” e “meio homem”, produzindo um paradoxo.

**QUESTÃO 12**

**SEXTA HISTÓRIA DE INSÔNIA**

Desejando se exercitar, o carneiro acionou a insônia do homem.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

Considerando que a linguagem figurada exige uma capacidade de condensação de sentidos às vezes díspares, às vezes paradoxais, para conseguir um sentido outro, mais impactante, predomina no texto o seguinte recurso linguístico:

- a) personificação.
- b) ambiguidade.
- c) metonímia.
- d) anáfora.

**QUESTÃO 13**

**ESPÉCIE DE ROTEIRO PARA CORVO E RAPOSA**

*Todas as cenas – Exterior – Dia*

Alguma grama ao pé de árvore cuja alta copa mais intuímos do que vemos. Em quadro, além do tronco, só um galho.

*Cena 1*

A raposa prepara-se para saborear um perfumoso camembert pousado à sua frente, na grama.

Atento, no galho acima dela, o corvo tudo observa.

[...]

*Cena 2*

Surpresa da raposa. Que olha o queijo, olha desconfiada para um lado, torna a olhar o queijo, olha para o outro lado. Do alto chega a voz do corvo.

- Comadre raposa, não posso acreditar que a senhora, tão bela, tão elegante sempre, com pelo tão brilhante e inigualável cauda, vá comer queijo tão imundo.

- De fato, comadre corvo, não é coisa para mim. Estava justamente olhando ao redor, para ver se descobria alguém mais do que eu, indicado para recebê-lo.

[...]

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

A estrutura do texto dramático é resultado de sua natureza específica, o que faz com que ele contenha as ideias que serão concretizadas pela linguagem teatral. “Espécie de roteiro para corvo e raposa” enquadra-se em tal configuração já que é constituído por:

- a) estrutura narrativa e não dialógica.
- b) presença de rubricas e marcações de cena.
- c) ausência de encadeamento e teor simbólico.
- d) elementos líricos, como fábula e metrificacão.

**QUESTÃO 14**

**AS FLECHAS DO HERÓI**

Em sua 5ª tarefa, Hércules abateu a flechadas as temíveis asas de fogo do lago Estínfalo, dotadas de cabeça, bico e asas de ferro. Interrompia, sem saber, antigas pesquisas de engenharia aérea, que retomadas muitos séculos mais tarde, levariam à descoberta do avião.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

A intertextualidade é um recurso bastante presente na narrativa de Marina Colasanti. A narrativa sobre Hércules adquire nova significacão quando a autora parte de um de seus trabalhos para apresentar ao leitor sua perspectiva sobre uma verdade.

No conto acima, a relação intertextual é elaborada por meio da:

- a) alusão.
- b) paródia.
- c) polissemia.
- d) reformulacão.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES 15 E 16**

**A TEMPO E HORA**

De alto a baixo nas paredes da relojoaria, relógios. E cada um marca hora diferente. Assim prefere o velho relojoeiro. Para ele que vê o mundo de duas maneiras ao mesmo tempo – uma com olho atacado pela catarata, outra com olho agigantado pela lupa – a unicidade é inviável. Das horas, escolhe a que mais lhe convém.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

**QUESTÃO 15**

*“Para ele que vê o mundo de duas maneiras ao mesmo tempo – uma com o olho atacado pela catarata, outra com olho agigantado pela lupa – a unicidade é inviável.”*

O trecho destacado por travessões explicita a seguinte relação de sentido:

- a) enumeração.
- b) generalização.
- c) exemplificação.
- d) particularização.

**QUESTÃO 16**

*“De alto a baixo nas paredes da relojoaria, relógios.”*

A vírgula presente no fragmento acima destaca a omissão de um termo que pode ser facilmente identificado. Tal omissão configura uma figura de linguagem conhecida como:

- a) eufemismo.
- b) hipérbato.
- c) metáfora.
- d) elipse.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES 17 E 18**

**EM ALGUM PONTO**

Tinha os mapas. Não seria difícil encontrar o não lugar. Bastava evitar aqueles consignados nas cartas, e todos os outros, tão pequenos e insignificantes que sequer constavam delas. Em algum ponto, entre o que não existe e o que é, utopia o aguardava. Jogou a bússola ao mar, e fez-se ao largo.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

**QUESTÃO 17**

*“Bastava evitar aqueles consignados nas cartas, e todos os outros, tão pequenos e insignificantes que sequer constavam delas.”*

O período transcrito acima estabelece com o período anterior uma relação de:

- a) causa.
- b) condição.
- c) conclusão.
- d) comparação.

**QUESTÃO 18**

A propósito de *“Em algum ponto”*, pode-se afirmar que:

- a) fornece as coordenadas geográficas para a localização da utopia.
- b) elabora uma explicação objetiva para a palavra utopia.
- c) sugere que a utopia não leva a lugar algum.
- d) reforça o caráter irrealizável da utopia.

**QUESTÃO 19**

**POR AQUELA**

Apaixonou-se por aquela mulher. Por aquela, como nunca pelas outras. Juntou então suas lembranças, deixou todo o resto para trás, e mudou-se para dentro dela.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

A paixão por “aquela” mulher e seu efeito na vida do personagem mostra-se como um divisor de águas. Considerando a seleção vocabular presente no texto, é correto afirmar que:

- a) ao usar “outras” para se referir às experiências amorosas anteriores, o narrador delimita o que está sendo vivido e o que ainda será vivido pelo personagem.
- b) o vocábulo “resto” se reporta ao que não ficou registrado para o personagem como “lembrança” e que, portanto, será deixado para trás.
- c) a palavra “nunca” indica que a paixão é totalmente nova na vida do personagem, delimitando um tempo de presença e um tempo de ausência.
- d) o verbo “mudou-se” destaca uma ação voluntária de movimentação geográfica e afetiva do personagem do seu interior (espaço dentro) para “aquela mulher” (espaço fora).

**TEXTOS PARA AS QUESTÕES 20 E 21**

**TEXTO I**

**PORTO**

E o navio fantasma atracou na terceira margem do rio.

(COLASANTI, Marina. Hora de alimentar serpentes. São Paulo: Global, 2013.)

**TEXTO II**

**A TERCEIRA MARGEM DO RIO**

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas pessoas sensatas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arquejada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de léguas: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez nenhuma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou:

- “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo - a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. [...]

(GUIMARÃES ROSA, João. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 79-80.)

**QUESTÃO 20**

“Porto” faz referências explícitas ao conto *“A terceira margem do rio”*, de Guimarães Rosa. Essa estratégia, também notável em outros momentos do livro, configura um recurso da linguagem conhecido como:

- a) ironia.
- b) designação.
- c) verossimilhança.
- d) intertextualidade.

**QUESTÃO 21**

Segundo o Dicionário de símbolos, de Jean Chevalier e Alan Gheerbrant, "o simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas, o da fertilidade, da morte e da renovação." A partir dessa simbologia, tendo em vista a leitura de "Hora de alimentar serpentes" e o fragmento de Guimarães Rosa, é possível afirmar que o rio:

- a) é uma metáfora dos desejos do ser humano.
- b) representa a repulsa do ser humano pela vida.
- c) seria um elemento que mostra a harmonia da sua vida.
- d) pode revelar a necessidade de manutenção de suas raízes.

GABARITO									
<b>01</b>	<b>02</b>	<b>03</b>	<b>04</b>	<b>05</b>	<b>06</b>	<b>07</b>	<b>08</b>	<b>09</b>	<b>10</b>
<b>D</b>	<b>D</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>C</b>	<b>B</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>

<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>21</b>
<b>C</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>B</b>	<b>A</b>	<b>D</b>	<b>B</b>	<b>D</b>	<b>B</b>	<b>D</b>	<b>A</b>